

***EL CORAZÓN HELADO DE ALMUDENA GRANDES (2007,
BARCELONA, TUSQUETS)***¹

Célia Maria Sousa

ISCAP

Portugal

csousa@iscap.ipp.pt

“Españolito que vienes
Al mundo, te guarde Dios
Una de las dos Españas
Ha de helarte el corazón”.
Antonio Machado

Assim é o poema de Antonio Machado alusivo à Guerra Civil Espanhola, que serviu de inspiração a Almudena Grandes para o título deste livro.

Publicada em 2007, esta obra de Almudena Grandes – infelizmente não traduzida em português – narra a história de três gerações de duas famílias (pertencente cada uma à sua facção política), desde a Guerra Civil ao longo da Ditadura, desde a *Transición* à actualidade; o que faz da obra um documento histórico da sociedade espanhola.

Julio Carrión, jovem de origem humilde – é filho de um pastor e de uma professora primária não qualificada – vê a Guerra Civil e a ascensão de Franco como a grande oportunidade de subir na vida e, conseqüentemente, melhorar a sua situação económica. Durante a Guerra alista-se na Falange; contudo, ao sentir que a guerra está perdida, encontra forma de obter um passaporte da Juventud Socialista Unificada. Homem sem escrúpulos espolia familiares, falsificando documentos e apoderando-se dos seus bens. Casa e tem cinco filhos, tornando-se um poderoso homem de negócios.

¹ Este texto, assim como tudo o que é assinado pela autora, não respeita o Acordo Ortográfico

No dia do seu enterro, na actualidade, o seu filho Álvaro repara numa misteriosa desconhecida que está presente. É Raquel, neta de Ignacio Fernández Muñoz, republicano convicto que se exilara em França durante a guerra, regressando após a morte de Franco.

Raquel nascera em Paris, tendo regressado a Espanha com os avós após a morte de Franco. Uma das primeiras recordações da época do seu regresso a Madrid consistia numa visita que fizera com o avô a casa dos Carrión, de onde o avô tinha saído a chorar, facto que a intrigara.

A situação de ditadura precipitara a fuga de Ignacio Fernández para França, “a un mundo sin tapas” (CH 83); antes porém, havia pedido a Julio Carrión que vendesse os seus bens e fizesse chegar o montante resultante da sua venda a Paris, o que não acontece. Ignacio é detido na sua fuga e preso num campo de concentração, conseguindo escapar e chegar a casa dos pais, que tinham recolhido Anita, uma jovem refugiada de 16 anos, que havia perdido a família, assassinada por tropas da Falange. Ignacio casará com Anita, vivendo ambos em Paris, completamente em espanhol², até à morte de Franco, altura em que já são avós.

O dia da morte de Franco é festejado nas ruas de Paris pelos refugiados e emigrantes espanhóis, cujo desejo fora sempre voltar.

“Raquel se acordaría siempre de aquel día (...) Los dos [Anita e Ignacio] se besaron en la boca durante mucho tiempo cuando terminaron de bailar en una plaza donde otros españoles mucho más jóvenes y muy distintos, frutos amargos de la España de Franco, estudiantes y exiliados voluntarios de última hora, mezclados con pseudoaventureros izquierdistas de buena familia y trabajadores a secas, habían improvisado una verbena con un acordeón de un argentino que sabía tocar pasodobles.

Eran españoles y bebían champán. Eran españoles y por eso bailaban y cantaban, y hacían ruido, e invitaban a beber, a cantar, a bailar, a cualquiera

² Assim diz Anita: “Hemos sido muy felices pero siempre en español (...) comiendo tarde y cenando más tarde todavía (...) y durmiendo la siesta”. Raquel recuerda que “cantaban canciones distintas, y comían uvas en Nochevieja, con lo que cuesta encontrarlas y lo carísimas que están, qué barbaridad...” (CH 33).

que se acercara a mirarlos (...) Había un poco de todo, catalanes, gallegos, media docena de andaluces, un murciano, una pareja de Ciudad Real, una chica canaria, algunos vascos, dos asturianos, un aragonés de Zaragoza, y cuatro o seis madrileños (...)

Eso fue lo que recordaría siempre de aquel día, de aquella noche del 20 de noviembre de 1975, la tristeza de su abuelo, (...) victoria de la muerte y no del hombre que la había esquivado tantas veces.

Ignacio Fernández no había derramado una sola lágrima aquel día, aquella noche. Había visto llorar a su mujer, a su hija, a su nuera, a muchos de sus amigos de sus camaradas, hombres que habían podido morir como él y que como él habían sobrevivido para ver pasar por su puerta el cadáver de su enemigo. Vamos a brindar, decían, porque somos un país (...) de cobardes, de miserables (...) Porque en cuarenta años no hemos sido capaces de matarlo (...)

– No te preocupes[Raquel]. Estoy contento, aunque no lo parezca. Ahora ya puedo volver yo también.” (CH 42/45).

Após a morte do seu avô, Raquel descobre uns documentos que incriminam Julio Carrión e decide enfrentá-lo. O temor a ser descoberto provoca-lhe um ataque cardíaco e a sua morte.

A vingança de Raquel não será, contudo, plena, pois terminará apaixonando-se por Álvaro. No entanto, parece ser mais importante para ambos o conhecimento e reconciliação com o seu passado recente para prosseguir, assim como para todos os espanhóis. Após a morte de Franco, assuntos relacionados com a Guerra Civil e a Ditadura tornaram-se tabu, preferindo a população esquecer essa época “que tanto desea uno que no hubiese ocurrido”³ com a *movida nocturna*.

Em quase mil páginas, com a sua capacidade fabuladora e após um trabalho de campo composto por centenas de entrevistas; Almudena Grandes consegue recriar o que

³ Ernesto Ayala-Dip, *El País*, 18.12.12.

foi essa época e permitir não só o conhecimento e reconciliação com o passado, como uma leitura dura, mas imprescindível.